



Reflexões Psicanalíticas acerca da Ideologia Fascista presente nas manifestações Pós-Eleições de 2022

Renato Obikawa Kyosen¹

Resumo: Em que pese o fascismo, como movimento político, ter sido derrotado ao final de Segunda Grande Guerra, tomado como ideologia, é perceptível a sua emergência em contextos mais recentes, especialmente em ambientes socialmente fragmentados, onde impere desalentos, disparidades, liderança messiânica violenta e manipuladora, utilizando-se de mentiras reiteradas e propagada por meios de comunicação massivos. A teoria psicanalítica é coerente e adequada para apreender, descrever e explicar fenômenos político-sociais complexos, inclusive, em relação a eventos referentes a distintos contextos históricos daqueles em que várias de suas categorias foram elaboradas. Outros aspectos do fascismo podem ser melhor caracterizados pela Psicanálise, como é o caso da identificação e vínculos libidinais entre seu líder e os liderados, ressentimentos, pulsões de morte, inclusive com o autossacrifício, concomitante a um desejo de catarse, redenção e salvação de um suposto mal que justificaria o uso da violência. Este estudo visou, por meio de reflexões pautadas na Psicanálise, analisar a dinâmica, postura, espírito e ideologia presentes no movimento político que eclodiu nas semanas seguintes à eleição presidencial de 2022 no Brasil, e, principalmente, buscou descortinar, eventuais aspectos fascistas ali presentes.

Palavras-chave: Teoria psicanalítica; Fascismo; Pulsão de morte; Ressentimento; Identificação; Eleição de 2022.

Psychoanalytic Reflections on the Fascist Ideology present in the Post-Election demonstrations of 2022

Abstract: Although fascism, as a political movement, was defeated at the end of the Second World War, its emergence as an ideology is noticeable in more recent contexts, especially in socially fragmented environments where discouragement, disparities, violent and manipulative messianic leadership prevail, using repeated lies propagated through mass media. Psychoanalytic theory is coherent and adequate to understand, describe, and explain complex socio-political phenomena, including events related to different historical contexts from those in which several of its categories were developed. Other aspects

¹ Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Especialista em Direito Constitucional pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Bacharel em Direito pela Universidade Estadual de Londrina. Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário União das Américas Descomplica. Professor do Centro de Estudos Superiores de Foz do Iguaçu. E-mail: r_kyosen@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7724-6127>.

of fascism can be better characterized by psychoanalysis, such as the identification and libidinal bonds between its leader and followers, resentments, death drive, including self-sacrifice, concomitant with a desire for catharsis, redemption, and salvation from a supposed evil that would justify the use of violence. This study aimed, through reflections based on Psychoanalysis, to analyze the dynamics, posture, spirit, and ideology present in the political movement that erupted in the weeks following the 2022 presidential election in Brazil, and, primarily, sought to uncover any fascist aspects present therein.

Keywords: Psychoanalytic theory; Fascism; Death drive; Resentment; Identification; 2022 election.

Introdução

O fascismo, como movimento histórico-político, teve a sua gênese na Itália no período do pós-Primeira Guerra Mundial, e o seu término em 1945, com a derrocada da Alemanha nazista, ao cabo da Segunda Guerra Mundial. No entanto, como ideologia e estratégia de mobilização política, o fascismo poderia ser apreendido e compreendido pelos conceitos e raciocínios psicanalíticos, e, de efeito, ser estudado a partir de diferentes contextos histórico-político-sociais.

Afinal, além de sua natureza de técnica terapêutica, a Psicanálise foi concebida por Sigmund Freud como teoria dotada de conceitos construídos através de arguta observação, correlação de proposições e rigor analítico, baseada em objetos de estudo determinados e específicos, cujas associações e concatenações se submetem a um método de validação determinado e rigoroso, muitas vezes extraídas da clínica, e, por outras, fundadas em vivências e percepções dos fenômenos políticos, culturais e sociais de uma dada época.

De efeito, no contexto político brasileiro, logo em seguida à eleição presidencial de 2022, inconformada com o resultado eleitoral anunciado, emergiu mobilização disruptiva disposta a, por meio de força ilegítima, subverter o Poder estatal constituído. Considerando que tal movimento era pautado e coordenado por liderança mitificada, cuja condução das massas era dinamizada por vínculos libidinais de exaltação à consagração divina e desígnios de morte, tendo como norte princípios irracionais, intolerantes, destrutivos, místicos e negacionistas, ou seja, dotados de feições do ideário fascista, poderia a teoria psicanalítica contribuir para uma melhor compreensão de evento tão marcante para a história brasileira.

Aspectos Gerais do Fascismo

O idealizador do fascismo, Benito Mussolini (1932), em artigo publicado na primeira página do periódico “Roma”, reconheceu que sua proposta política não se sustentava em uma doutrina sofisticada e bem fundamentada, mas que, pelo contrário, pautava-se em simples necessidade de ação, sobretudo como reação ao suposto descaso e abandono por parte das elites políticas, e exploração do povo italiano. E para Mussolini, sendo o fascismo uma mobilização baseada na fé e refratária ao pacifismo, sua viabilidade exigiria uma liderança forte para conduzir indivíduos imbuídos de um espírito de potência, dispostos ao confronto e ao sacrifício (*Idem*).

Por outro lado, o fenômeno histórico do fascismo foi extensivamente analisado pela filosofia política. Sob o olhar de Norberto Bobbio (1975), tratar-se-ia o fascismo de ideologia que concebe modelos e conceitos que vão além da esfera político-social. Pois, em sua rigorosa análise, na ideologia fascista estariam estruturadas formas de pensar e argumentar, e, inclusive, de como se manifestar espiritualmente. Sobre os seus princípios fundantes, apontou Bobbio (1999) que o fascismo, e o seu análogo de vertente racista, o nazismo, está assentado em postulados de destrutividade e de negação, apresentando-se como antítese aos projetos políticos de fundamentos democráticos, liberais ou socialistas.

Como movimento político conjuntural, Zetkin (2017) observou que a ascensão do fascismo estaria relacionada a acentuadas crises econômicas, descrédito nas instituições social-democráticas em fazer frente às instabilidades político-sociais e na desilusão generalizada com as políticas econômicas conduzidas pelas coalizões entre as elites tradicionais e classes proletárias.

Ou seja, mesmo diante da multiplicidade da experiência humana, no fascismo, as perspectivas e manifestações políticas e coletivas são conjugadas e centralizadas em uma ideologia dominante, fazendo com que a heterogeneidade social seja abarcada e apreendida sob cânones insculpidos no uso da força, na intolerância ao diferente, no apreço pela destruição do outro, e, onde o seu líder se torne um objeto transcendental de afetividade, não apenas de paixão, mas também de êxtase por parte dos liderados (Bataille, 1989).

Aliás, esse foi um elemento considerado por Umberto Eco (1995) como essencial no fascismo, visto que, segundo esse arguto pensador, em que pese ser frágil a sustentação filosófica da proposta fascista, a força desse movimento estaria assentada em arquétipos

eminentemente emocionais, como o caso das fantasias heroicas, dos bodes expiatórios, dos complôs e inimigos imaginários.

O olhar Psicanalítico sobre a Ideologia Fascista

Em termos metodológicos, observa Endo (2013) que a Psicanálise tem o potencial de provocar diálogos críticos com pesquisas de outras áreas do conhecimento, proporcionando, assim, elementos heurísticos relevantes para a compreensão de complexidades sociais.

Pois, como afirmado anteriormente, além de ser uma técnica terapêutica e investigativa, a Psicanálise foi forjada como teoria científica. E como tal, ao longo da história, a Psicanálise tem logrado descrever e explicar os eventos político-sociais complexos dos mais variados (Dunker; Ianini, 2023). Por conseguinte, mostra-se o arsenal científico da Psicanálise adequado para apreender, categorizar e analisar um fenômeno político, cultural e psíquico tão expressivo para humanidade, qual seja, a ideologia fascista e suas nuances.

Em termos funcionais, o ideário fascista não se coaduna com regramentos normativos institucionais ou disciplinas legais, e, por isso, a sua lógica de funcionamento estaria assentada exclusivamente no uso da força e violência ilimitada (Laval, 2002). Por conseguinte, nesse tipo de mobilização haveria certa incompatibilidade com o exercício da tolerância política, e assim, em sua dinamização, a violência seria alçada ao meio principal utilizado diante da divergência política, razão pela qual o militarismo e a exibição de força são tão evidenciados na maior parte das manifestações fascistas (Bataille, 1989).

Sem embargo, em termos psicanalíticos, por detrás desse fenômeno social, a análise científica deve levar em conta que existem pessoas individualmente consideradas em suas subjetividades, e, de efeito, ser presumido que cada uma delas seja dotada de impulsos próprios de agressividade, com variados meios de satisfação de suas pulsões de morte (Laval, 2002). Logo, essa foi a razão de Reich (1998) ter registrado que a existência humana, tomada individualmente ou como massa, seria determinada tanto pelos processos pulsionais quanto por aqueles de natureza socioeconômicas.

Assim, no que concerne aos movimentos fascistas observados na Alemanha e na Itália no período entreguerras, Adorno (1951) aponta que foi justamente a “identificação” o mecanismo responsável por transformar a libido em vínculo entre as massas e o líder, e, também, entre os próprios liderados. Baseando-se nos estudos freudianos sobre as massas,

Adorno vê que, por meio de estratégias de comunicação manipuladoras, e promovendo processos psicológicos de regressão racional e inconsciente, a estratégia fascista logrou retirar qualquer resistência de racionalidade por parte dos liderados, e substituiu o narcisismo individual destes pela identificação com o líder.

Porém, diz Adorno (*Idem*), para tanto, foi essencial que a liderança fascista mantivesse essa energia libidinal em um nível inconsciente, quase que por meio de sugestões mitológicas ou mágicas, como na hipnose, de modo a que seus liderados regressem a meros membros do grupo. E assim, segue Adorno, nesse processo, seria atribuído à massa um caráter, de certa forma, feminino e passivo diante das manifestações autoritárias, primitivas e hostis, vindas daquela liderança.

Ou seja, no fascismo, a autoridade apela para supostos sentimentos transcendentais e elevados, fazendo, desse modo, que a sua liderança seja caracterizada como incondicional e sádica, o que, de efeito, em termos psicológicos individuais, faça com que a massa ocupe uma postura masoquista (Bataille, 1989). Nessa vertente, seriam imprescindíveis a crença incondicional no líder e a renúncia ao senso crítico, o que, de efeito, acarretaria uma substituição nas massas da postura ativa por atitudes passivas e masoquistas, fazendo, desse modo, com que essa experiência mística mantivesse os liderados sob um estado de excitação vegetativa (Reich, 1998).

Logo, em termos psicanalíticos, a “identificação” é um elemento presente e relevante nas massas seguidoras de um líder fascista. Aliás, Freud (2022) via que a “identificação” representava a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a outra pessoa, uma vez que, pela teoria do Complexo de Édipo, pelo menos em relação aos meninos, além do investimento objetal na mãe, haveria uma identificação com o pai, tradicionalmente visto como figura de autoridade.

Por isso, para as massas fascistas, não se faz presente a reflexão sobre escolhas subjetivas e investimento em desejos, uma vez que, estando a irracionalidade pulsante e predominante, o afeto primordial seria o do ressentimento. E este, como veículo de imputação de responsabilidade a outrem por desalentos e frustrações vivenciados pelo sujeito (Kehl, 2020), no ideário fascista, não necessariamente comportaria um propósito de vingança, mas sim, manifestar-se-ia como pulsão agressiva diluída e curtida no tempo, sendo passível de manipulação, a depender da conveniência e interesses de seus líderes.

Eis que, vislumbrando o fascismo como uma instância de referência versátil e polifacética para qualquer militante simpático às suas multidimensões, ainda, mostra-se útil para a sua leitura psicanalítica o conceito lacaniano de “o grande Outro” (Lacan, 1978). Pois, para Lacan, antes de ser uma imagem de identidade ou de flexibilidade, o “grande Outro” seria uma relação de alteridade, ou seja, o meio pelo qual o sujeito tomaria consciência de seu lugar e para quem ele se reportaria. Mas tal alteridade seria de tal forma profunda e elementar, que, por conseguinte, a própria satisfação do sujeito seria proporcionada pelo estado satisfatório de outrem. Nessa linha, esse “grande Outro” poderia ser compreendido como um lugar em que, inconscientemente, o locutor confirmasse ou rejeitasse o seu discurso (*Idem*). Aliás, um exemplo seria a postura do militante fascista que se excita com a ressonância de sua própria pregação da violência como método político, sem embargo de estar em espaço público em que a discordância é de antemão suprimida.

Por fim, transcendendo uma simples agenda política, bem observou Reich (1998) que o fascismo engloba atitudes e filosofia de vida, em todos os seus aspectos, sejam em relação à política, ao trabalho ou ao amor. Portanto, as várias expressões do fascismo poderiam ser posicionadas como um “grande Outro” para os seus militantes, líder e liderados, afinal, o simpatizante imerso nessa ideologia se percebe como um sujeito completo, total e imortal, e assim, fálico em sua essência. Na esteira de Lacan (1978), esse “Outro”, no caso em estudo, o movimento fascista, vai viabilizar que o sujeito identifique simbolicamente as suas fantasias e desejos submersos, fazendo com que, supostamente, haja uma tomada de consciência, por parte de si e de seus seguidores, descobrindo, assim, uma verdade até então desconhecida.

O contexto político brasileiro: possíveis considerações psicanalíticas sobre o ideário fascista presente nas mobilizações pós-eleição de 2022

Sem embargo do recorte histórico proposto como temática deste estudo, ou seja, os eventos posteriores à eleição presidencial de 2022, para fins analíticos, mostra-se relevante a contextualização histórico-política-brasileira que, de certa forma, está correlacionada com a irrupção desse movimento político ora analisado. Outra informação relevante em relação à mobilização pós-eleição de 2022 é o seu caráter “golpista”, visto que, após processamento e julgamento definitivo levado a cabo pelo Supremo Tribunal Federal (Brasil, 2025), sob a ótica

legal, liderança e executores desses movimentos foram considerados culpados por tentativa violenta de abolição do Estado Democrático de Direito.

Em breve retrospecto, cumpre recordar que, de 2003 a 2016, o Brasil testemunhou sucessivos governos de inspiração esquerdista e com base de sustentação, ao menos em termos simbólicos e retóricos, na classe trabalhadora. No entanto, após a conturbada eleição presidencial de 2014, com o início do segundo mandato da Presidente Dilma Rousseff, a adoção de políticas econômicas pautadas na austeridade fiscal e voltadas à financeirização da economia, aliada a uma massiva campanha de demonização do Estado de Bem-estar social vigente, proporcionaram uma sensação generalizada de que a sociedade brasileira necessitava de novos rumos, profundas mudanças em suas lideranças políticas e guinada na sua ideologia que, até então, supostamente, norteava a governabilidade (Souza, 2024).

Com a queda da atividade econômica ocasionando diretamente um aumento no nível de desemprego (IBGE, 2025) e uma piora nas condições de vida da massa trabalhadora, somado a um pacto entre as elites do país propugnando uma mudança de governo, como consequência, deu-se o processo de destituição da Presidente da República, em meados de 2016.

Ao mesmo tempo, nesse período de convulsão política, várias foram as manifestações populares, espontâneas ou não, no sentido de uma ruptura institucional e implementação de um regime de força. Aliás, em várias capitais do país foram registrados pedidos explícitos de intervenção militar (Moraes, 2015).

Em que pese aparentar uma certa nostalgia do governo de 1964 a 1985, observa Kehl (2020) que esse tipo de sentimento exigiria uma certa memória e consciência dos processos históricos. Assim, tendo em vista que, com base nos currículos escolares vigentes, o regime militar segue sendo uma página mal lida, pouco estudada e parcamente discutida, sobretudo em virtude de uma anistia ampla e irrestrita imposta em 1979 pelo próprio governo de exceção (Brasil, 1979), seria mais adequado tratar esses ensejos populares como manifestações coletivas de pulsões de morte aliadas ao fetiche do arquétipo militar, e de toda a violência e truculência em relação a ele associadas.

Findo o período ditatorial de 1964 a 1985, e após a concertação de 1988, foi vivenciado no Brasil o maior período democrático de sua história. Todavia, os avanços nos indicadores socioeconômicos desse interregno seguem longe de aplacar as profundas e históricas desigualdades distributivas, estruturais e sociais. Como exemplo, conforme o último relatório de desenvolvimento humano divulgado pelo PNUD (2025), o Brasil, em que pese os avanços

dos últimos anos, segue atrás de países historicamente instáveis em termos institucionais, como é o caso do Peru e da Colômbia.

E nesse contexto nacional, onde persistem históricas discrepâncias e contradições econômico-sociais (Bresser-Pereira, 2018), grassando a concentração de renda para as elites por meio de taxas de juros elevadas (Furtado, 2003), as promessas governamentais retóricas feitas à população, hercúlea e lentamente atendidas, potencialmente, poderiam servir como propulsor para a gestação e engajamento de ideais fascistas (Safatle, 2021).

No Brasil, como pacto social e político, o regime democrático foi insculpido à condição de cláusula inalienável. Todavia, os limites e contradições desse próprio modelo, aliado à persistência de distorções sociais e econômicas, propiciaram que atores e forças políticas se engendrassem por estratégias e dinâmicas inconscientemente massificadoras, pulsionais, disruptivas, simplificadoras, maniqueístas, destrutivas e niilistas, muito condizentes ao ideário fascista (Souza, 2017).

Como um dos eventos propulsores desse despertar popular alinhado a uma agenda extremista e intolerante, é pertinente trazer à lembrança o emblemático voto no processo de impeachment de Dilma Rousseff proferido pelo então Deputado Federal Jair Bolsonaro, em 17 de abril de 2016, ocasião em que exaltou, de forma efusiva e provocativa, a prática da tortura (Brasil, 2016). Além desse momento de apologia a crimes contra a humanidade, a figura pública de Jair Bolsonaro, costumeiramente, em variados veículos de comunicação, propalava impropérios contra valores e institutos civilizatórios mais elementares de um regime democrático, e mesmo assim, gradualmente, foi angariando admiradores e seguidores de todos os espectros da massa de eleitores (Souza, 2017).

Por conseguinte, na eleição presidencial de 2018, o candidato Jair Messias Bolsonaro obteve 51.072.345 votos no primeiro turno e 57.797.847 no segundo turno, elegendo-se Presidente da República do Brasil para mandato de 2019 a 2022 (Brasil, 2018). E durante o seu governo, o Presidente Bolsonaro zelou pela falta de apreço pelas evidências, como por exemplo, tendo reiteradamente afirmado que o processo eleitoral era fraudulento (Brasil, 2021), inclusive, sobre as eleições de 2018, chegou a dizer que foi vítima de fraude no referido pleito, mesmo tendo ele sido sagrado vencedor.

Ao final de seu governo e antes do pleito eleitoral em que buscava a reeleição, sem qualquer embasamento, o Presidente Bolsonaro repetia que, caso não vencesse as eleições de 2022, segundo o seu entender, o processo eleitoral não teria sido legítimo. Concomitantemente

a tão graves acusações, Bolsonaro incitava as massas para que, de forma violenta, afrontassem as instituições competentes pela condução do processo eleitoral (Ribeiro, 2025).

Aliás, analisando o funcionamento psíquico das massas, mesmo que partindo de contexto diverso, Freud (2022) anotou que, diante de seu extremismo, a evocação e repetição de imagens fortes já era suficiente para excitar e germinar o ódio nas massas, prescindindo, desse modo, de uma argumentação mais elaborada, proporcionando nelas a renúncia das inibições individuais.

E no Brasil recente, de certa forma semelhante às estratégias nazifascistas dos anos 1930 e 1940, tanto integrantes do governo Bolsonaro quanto seus apoiadores promoveram a utilização orquestrada dos meios de comunicação, sobretudo pelo uso massivo das redes sociais, e, de forma intencional e reiterada, buscaram fundir mentira e verdade, ou simplesmente criaram fantasias sob as vestes premonições verossímeis. E, por conseguinte, logrou-se mobilizar pelo ódio e convencer multidões de supostas conspirações ou ameaça comunista, cooptação das instituições públicas e fraude na eleição presidencial de 2022 (Souza, 2024).

Afinal, uma vez que esse tipo de discurso foi afetivamente abraçado e chancelado por uma massa, em grande parte, ressentida (Kehl, 2020), a tendência foi que o seu conteúdo não fosse questionado, e que, deliberadamente, toda a responsabilidade pelo infortúnio por ela vivenciado fosse atribuído a destinatários estrategicamente selecionados.

Para Dunker (2022), a característica fascista da liderança de Bolsonaro estaria na conexão direta com as massas, sobretudo ignorando e afrontando as instituições políticas seculares, agregando em torno de si pessoas que interpretariam a realidade complexa de maneira igualmente simplória, débil e ignorante, cujas soluções propugnadas, geralmente, envolveriam a violência como método.

Aliás, na visão de Reich (1998), a mentalidade do simpatizante do fascismo tendia a uma simplicidade de espírito e a um reacionarismo, conjugada com a avidez por autoridade e sedição, mas ao mesmo tempo, disposto à submissão ao automatismo, ao misticismo e ao militarismo. No entanto, a limitação e a escassez de ideias do discurso fascista seriam compensadas pela insistente reiteração de mentiras (Adorno, 1951), que, por sinal, são mais plausíveis e calmantes à razão (Arendt, 1967).

A partir desse raciocínio, poderia ser compreendida a adesão de milhares de brasileiros a manifestações tão extremistas, como os bloqueios de rodovias e acampamentos que clamavam por golpe militar, atos esses que perduraram por várias semanas no final de 2022 e início de

2023 (Supremo Tribunal Federal, 2025). Afinal, para esses militantes, ao invés de buscar compreender o complexo funcionamento do processo de apuração eleitoral e reconhecer a derrota, seria mais regozijador à sua esfera psíquica indignar-se e submeter-se à fantasia simplista de que um grande complô fraudou as eleições de 2022.

Ademais, de regra, a apresentação fascista é ostentada e permeada por uma estética mística e militarizada. E assim sendo, seu aspecto formal é de sobremaneira supervalorizado, e de efeito, como que um desvio fetichista, lembrando as crenças dos povos primitivos, o sagrado seria materializado (Freud, 1989) em objetos inanimados, *e. g.*, as marchas dos *camicie nere* italianos, a suástica nazista e a “arminha” feita com as mãos pelos seguidores do Presidente Jair Bolsonaro.

Em 31 de outubro de 2022, após a Justiça Eleitoral brasileira divulgar o resultado da eleição presidencial, e assim, oficializando a derrota do candidato à reeleição Jair Bolsonaro, eclodiu um movimento contestatório que visava violentamente solapar, não somente o processo eleitoral do pleito de 2022, mas também, todos os Poderes da República, e redesenhar a arquitetura institucional do país. Assim, nessa mobilização, igualmente estava presente a instigação por parte de sua liderança no sentido de que as massas afrontassem qualquer baliza legal ou institucional, mesmo que isso pudesse representar o autossacrifício dos liderados (Ribeiro, 2025).

Desse modo, conforme as lições de Guattari (2009), estar-se-ia diante de um modelo fascista de disposição libidinal, comportando nessa relação uma representação de morte e de amor, onde o liderado se mostraria sujeito a seguir o líder até as últimas consequências, e até aceitando os riscos à sua própria existência.

Considerações finais

A agenda e movimentação política que floresceu no Brasil a partir de 2016, e que, anos depois, desencadeou a mobilização e trama golpista do pós-eleição de 2022, culminando com os simbólicos eventos de 8 de janeiro de 2023, em termos gerais, configuraria como um exemplo prático da ideologia fascista em ação.

A reação política ao resultado eleitoral anunciado em 2022 não possuía um projeto nacional específico, era desprovida de racionalidade e se mostrava descolada da realidade. Porém, seu funcionamento se dava pela adesão cega a uma personalidade política e era movida

pelo ideário da ruptura e destrutividade, o que, de efeito, engendrou em uma tentativa fracassada de reverter à força o regime democrático vigente,

A orquestração e dinamização dessa mobilização foi conduzida por lideranças despreocupadas por agendas, discursos e formulações construtivas, democráticas, institucionais ou humanistas. Muito pelo contrário, a partir de uma leitura baseada na Psicanálise, a coordenação e execução dos eventos políticos ora analisados, tanto para os líderes quanto para os seus seguidores, priorizaram a satisfação de pulsões destrutivas, mesmo que isso pudesse representar o autossacrifício, desconsiderando qualquer possibilidade de inibição.

Logo, sob a ótica psicanalítica, a partir desses eventos analisados, poder-se-ia refletir que, dada a conjuntura de desigualdade, ressentimentos, contradições e insatisfações reinantes, conjugada a uma estratégia política de liderança personalista mítica e operacionalização de catalisação de energias libidinais fetichistas, destrutivas e quase inconscientes, aliada a uma identificação psicológica recíproca entre líder e liderados, verificou-se nessa mobilização vários elementos pulsantes e caracterizantes da ideologia fascista.

Referências

ADORNO. Theodor W. Freudian theory and the pattern of fascist propaganda. **Psychoanalysis and the social sciences**, v. 3, 1951.

ARENDRT, Hannah. Truth and Politics. **New Yorker**, 25 fev. 1967.

BATAILLE, Georges. La structure psychologique du fascisme. **Hermès**, 5-6, 1989, p. 137-160. Disponível em: <<https://www.pileface.com/sollers/pdf/structure-psy-fascisme.pdf>>. Acesso em 30 jul. 2025.

BOBBIO, Norberto. L'ideologia del fascismo. **Alternative**, I, n. 1, fev. 1975, pp. 40-49.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Sessão: 091.2.55.O**. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/internet/SitaqWeb/TextoHTML.asp?etapa=5&nuSessao=091.2.55.O&nuQuarto=3&nuOrador=1&nuInsercao=359&dtHorarioQuarto=14:04&sgFaseSessao=OD&Data=17/04/2016&txApelido=JAIR%20BOLSONARO,%20PSC-RJ>>. Acesso em: 2 mai. 2025.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **Ação Penal 2668 DF**. Relator: Min. Alexandre de Moraes. Disponível em: <<https://portal.stf.jus.br/processos/detalhe.asp?incidente=7223339>>. Acesso em: 1 dez. 2025.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **Eleições 2018**. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2018/Outubro/eleicoes-2018-justica-eleitoral-conclui-totalizacao-dos-votos-do-segundo-turno>>. Acesso em: 3 out. 2025.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **Fato ou Boato**. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2021/Junho/fato-ou-boato-ataques-hackers-nao-afetaram-a-seguranca-das-eleicoes-municipais-de-2020>>. Acesso em: 10 out. 2025.

BRASIL. **Lei n. 6.683**, de 28 de agosto de 1979. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6683.htm>. Acesso em: 8 set. 2025.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **Em busca do desenvolvimento perdido**: um projeto novo-desenvolvimentista para o Brasil. São Paulo: FGV, 2018.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Mal-Estar, Sofrimento e Sintoma**: uma psicopatologia do Brasil entre muros. São Paulo: Boitempo, 2015.

DUNKER, Christian. Bolsonaro tem mente paranoide e agrega em torno de si o pior do Brasil. [entrevista concedida a] Eduardo Maretti. **Instituto Humanitas Unisinos**, 13 jun. 2022. Disponível em: <<https://ihu.unisinos.br/categorias/619463-bolsonaro-tem-mente-paranoide-e-agrega-em-torno-de-si-o-pior-do-brasil-diz-psicanalista>>. Acesso em: 9 set. 2025.

DUNKER, Christian Ingo Lenz; IANNINI, Gilson. **Ciência pouca é bobagem**: por que psicanálise não é pseudociência. São Paulo: Ubu, 2023.

ECO, Umberto. Ur-Fascism. **The New York Review of Books**, 22 jun. 1995.

ENDO, Paulo. Totem e tabu e a psicanálise além de suas próprias fronteiras. Prefácio. *In*: FREUD, Sigmund. **Totem e tabu**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das Massas e Análise do Eu e Outros Textos [1920-1923]**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e Outros Textos [1930-1936]**. São Paulo: Companhia das Letras, 12ª reimpressão, 2022.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e Outros Textos [1914-1916]**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

FREUD, Sigmund. **Tre saggi sulla sessualità**. Roma: Tascabili, 1989.

FURTADO, Celso. **Raízes do Subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GUATTARI, Félix. **Chaosophy** : texts and interviews 1972-1977. London : MIT Press, 2009.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Taxa de desocupação, jan-fev-mar 2012 - dez-jan-fev 2025. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?=&t=series-historicas&utm_source=landing&utm_medium=explica&utm_campaign=desemprego>. Acesso em: 26 jul. 2025.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. São Paulo: Boitempo, 3ª edição, 2020.

LACAN, Jacques. **Le Moi Dans la Théorie de Freud et dans la Technique de la Psychanalyse**. Paris : Éditions du seuil, 1978.

LAVAL, Guy. Bourreaux ordinaires. Psychanalyse du meurtre totalitaire. **Bulletin de psychologie**, v. 55, n. 461, 2002. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/bupsy_0007-4403_2002_num_55_461_15173_t1_0547_0000_3>. Acesso em: 21 out. 2025.

MORAES, Camila. Manifestações anti_Dilma volta às ruas do Brasil. **El País Brasil**, São Paulo, 19 ago. 2015. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/16/politica/1439728675_375038.html>. Acesso em: 5 jan. 2026.

MUSSOLINI, Benito. La dottrina politica e sociale del fascismo in uno scritto del Duce. **Roma**, Roma, 4 ago. 1932. Disponível em: <<https://patrimonio.archivio.senato.it/inventario/scheda/benedetto-croce/IT-AFS-021-019705/benito-mussolini-dottrina-politica-e-sociale-del-fascismo-tratto-roma>>. Acesso em: 20 set. 2025.

REICH, Wilhelm. **La psychologie de masse du fascisme**. Paris: Petit Bibliothèque Payot, 1998.

RIBEIRO, Renato. Denúncia aponta que Bolsonaro e Braga Netto eram os líderes do golpe. EBC. **Rádio Agência**. Brasília, 19 fev. 2025. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/politica/audio/2025-02/denuncia-aponta-que-bolsonaro-e-braga-netto-eram-os-lideres-do-golpe>>. Acesso em: 5 out. 2025.

SAFATLE, Vladimir. Estado suicidário. **A terra é redonda**. Disponível em: <<https://aterraeredonda.com.br/2021/11/13>>. Acesso em: 5 jul. 2025.

SOUZA, Jessé. **A Elite do Atraso**: da escravidão à lava jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUZA, Jessé. **Brasil dos Humilhados**: uma denúncia da ideologia elitista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

SOUZA, Jessé. **O Pobre de Direita**: a vingança dos bastardos: o que explica a adesão dos ressentidos à extrema direita? Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2024.

UNDP - UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME. **Human Development Report 2025**. New York: PNUD, 2025. Disponível em: <<https://hdr.undp.org/content/human-development-report-2025>> . Acesso em: 12 dez. 2025.

ZETKIN, Clara. **Fighting fascism**: how to struggle and how to win. Chicago: Haymarket Books, 2017.

Recebido: 30/01/2025. Aceito: 11/02/2026. Publicado: 28/02/2026.